

COISAS DA POLÍTICA

Eleição Presidencial

De volta ao futuro

Enquanto os partidos ocupam-se com a tarefa de descobrir, avaliar e conquistar candidatos que possam levá-los à Presidência da República em 2002, em Belo Horizonte o sociólogo Marcos Coimbra, do instituto Vox Populi, dedica-se a descobrir e avaliar que tipo de candidato conquistaria o eleitorado se a eleição fosse hoje.

Marcos Coimbra, cujas pesquisas deram a Fernando Collor a certeza de que uma campanha presidencial poderia render-lhe bem mais que uma aventura porque o eleitor em 1989 queria mesmo é novidade independente de qualidade, já chegou a uma conclusão: "Está havendo uma volta à situação de dez anos atrás e tudo indica que na próxima eleição as pessoas vão privilegiar o critério da renovação em detrimento da segurança."

Isso, na opinião dele, reduz enormemente as chances da geração de gente como Antonio Carlos Magalhães, Mário Covas, Itamar Franco, Leonel Brizola e mesmo Luiz Inácio Lula da Silva. "A elite política, seja ela de direita, de centro ou de esquerda, ainda não percebeu que a crise de imagem que atinge Fernando Henrique não é só dele, afeta todo o sistema em que vigoram nomes, valores, critérios e discursos mais que conhecidos da população."

Por essa concepção, Marcos Coimbra apostaria em gente como Ciro Gomes, Anthony Garotinho ou um nome novo do PT. Pessoalmente vê grandes possibilidades em Marta Suplicy, "evidentemente desde que seja eleita prefeita de São Paulo e que faça uma administração bem-sucedida". Isso porque, ressalva, o eleitor aceita correr riscos — até porque está no jogo sem boas cartas nas mãos —, "mas não quer dar um salto no escuro. É preciso que pelo menos as potencialidades estejam comprovadas".

Coimbra acha que Marta atende às expectativas, mas considera que Anthony Garotinho ainda compõe melhor o perfil do tipo inesquecível que, segundo ele, nesses dez anos nunca saiu da cabeça do eleitorado: "As preocupações com família, segurança e religião que integram o imaginário da maioria estão presentes no governador. Se ele fizer um bom governo no Rio, é candidato fortíssimo."

Embora a economia interna dos partidos não faça parte de suas análises, Marcos Coimbra jogaria hoje suas fichas na hipótese de Garotinho disputar a presidência pelo PMDB.

Nesse quadro em que a novidade protagoniza a cena, o sociólogo acredita que Ciro é também páreo duro. Mas, como se lançou cedo, deve cuidar muito bem dos próximos passos para não estancar no patamar atual. "Entre os 20% da população mais politizada Ciro já é conhecido por 100% deles, a questão agora é como fará para conquistar o resto."

Coimbra tem a informação de que Ciro pretende fazer um programa de televisão a partir de janeiro, não como candidato mas como âncora. Ele acha uma opção perigosa pois, se de um lado esse projeto lhe garante exposição constante na mídia, por outro prejudica a composição da imagem do candidato. "Ciro seria identificado como personagem de televisão, o que pode vulgarizá-lo e reduzir a confiança que as pessoas poderiam ter em sua capacidade como governante."

O pior que os partidos podem fazer para si agora é, na opinião de Marcos Coimbra, escolher candidatos com base no índice de conhecimento deles junto à opinião pública. Cita como exemplo o PT. "É claro que qualquer pesquisa mostrará que Lula teria mais votos, o que, no máximo, mostra que é o mais conhecido, mas não significa que personifique os anseios do eleitorado."

Se adotarem esse critério, Coimbra considera que os partidos estarão apenas "obedecendo" as pesquisas e não se utilizando delas para construir uma possibilidade viável.

Ganhará mais, na avaliação dele, "quem souber olhar para fora e deixar de lado as conveniências internas de cada partido".